

PLANO DE VIDA

DOS POVOS E ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO OIAPOQUE



PLANO DE VIDA

DOS POVOS E ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO OIAPOQUE

“A OFICINA É UM LUGAR ONDE SE CONSERTA E CONSTRÓI COISAS.
AQUI ESTAMOS CONSTRUINDO UM PLANO DE VIDA PARA O FUTURO
COM NOSSOS AMIGOS, QUE ESTÃO COMPARECENDO JUNTO A NÓS.”

Álvaro Silva, membro do Comitê Gestor na área de Saúde

Créditos da publicação

DIREITOS AUTORAIS
Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque - APIO

FOTOS
Alexandre Goulart, Ana Paula N. Fonte, Ana Lange,
Christoph B. Jaster, (IBAMA - AP / NUC), Décio Yokota,
Domingos Santa Rosa, Fábio Maffei, Francisco S. Paes,
Guilherme K. Noronha, Guto Ruffeil, Lux Vidal, Márcio
Sztutman, Marina Londres, Miguel Chaves

MAPA
Lucyana Barros/TNC

TEXTOS
Lux Vidal
Lorenda Raiol
Carlos A. Fernandes

REVISÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA
Clovis Luiz da Silva das Neves

EDIÇÃO E DIREÇÃO DE DESIGN
gknoronha.com.br

ORGANIZAÇÃO
Alexandre Goulart

© APIO, 2009.

ASSOCIAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE.
Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque. Oiapoque: APIO, 2009. 45p. il.

1. Índios da América do Sul - Brasil, 2. Índios do Oiapoque - Amapá, 3. Gestão Territorial - Manejo, I. Título

CDU 39 (=1-82)

PLANO DE VIDA

DOS POVOS E ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO OIAPOQUE

Eixos Temáticos, Diretrizes e Ações Estratégicas

ENTIDADE EXECUTORA



ASSOCIAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE - APIO

PARCEIROS



APOIO



Esta publicação foi possível por meio do generoso apoio do povo dos Estados Unidos através da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID). O conteúdo é da responsabilidade dos autores e não necessariamente reflete a visão da USAID ou do Governo dos Estados Unidos.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Os Povos Indígenas do Oiaipoque	9

METODOLOGIA:

Introdução	17
Como foi construído este Plano de Vida?	19

PLANO DE VIDA DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE:

Saúde	29
Educação	38
Produção e outras atividades	49
Território e Meio Ambiente	57
Cultura	67
Movimento Indígena	73

Maria Egipciana Jeanjacque,
Galibi-Ka'lina da Aldeia São José
(in memoriam)



PLANO DE VIDA DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE

FACILITADOR
Carlos Aparecido Fernandes (Economista/Consultor TNC)

ASSESSORIA ANTROPOLÓGICA
Lux Vidal (Antropóloga/Consultora GTZ)
Ana Paula Nóbrega da Fonte (Cientista Social/Consultora GTZ)

TÉCNICOS DE CAMPO
Alexandre Goulart (Economista e Antropólogo/TNC)
Francisco S. Paes (Antropólogo/Iepé)

MEMBROS DO COMITÊ GESTOR INDÍGENA
Domingos Santa Rosa (Meio Ambiente)
Karina dos Santos (Educação)
Álvaro Silva (Saúde)
Paulo Roberto Silva (Movimento Indígena)
Josinei Aniká dos Santos (APIO)
Luciano dos Santos (Cultura)

SUPLENTE
Macinaldo Forte Filho
Oberto Macial Gabriel
Henrique Batista
Nilo Martiniano
Emiliano Gabriel
Márcia Maria dos Santos Oliveira
Sérgio dos Santos

AGRADECIMENTOS
Lideranças e Comunidades dos Povos Indígenas do Oiapoque
Funcionários CGPIMA, CGDC e AER Funai Oiapoque
Nello Ruffaldi (CIMI)
Frederico Miranda Oliveira (Administrador AER FUNAI Macapá)
Ana Lange (Antropóloga e Indigenista/ELN)
Marcio Sztutman (Biólogo/TNC)
AMIM - Associação Mulheres Indígenas em Mutirão
AGM - Associação Galibi-Marworno
OPIMO - Organização dos Professores Indígenas do Município de Oiapoque
Museu Kuahí
Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas do Estado do Amapá - SEPI/AP

SIGLAS E ACRÔNIMOS

APIO - Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque

CIMI - Conselho Indigenista Missionário

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

FUNASA - Fundação Nacional de Saúde

GEA - Governo do Estado do Amapá

GTZ - Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) GmbH (Cooperação Técnica Alemã)

IBAMA - Inst. Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

ICMBIO - Inst. Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IEPÉ - Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena

MMA - Ministério do Meio Ambiente

MEC - Ministério de Educação

NEI - Núcleo de Educação Indígena

PDPI - Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas

PMO - Prefeitura Municipal de Oiapoque

SECULT - Secretaria Estadual de Cultura

SEED - Secretaria Estadual de Educação

SEMA - Secretaria Estadual de Meio Ambiente

SEMAI - Secretaria Municipal dos Povos Indígenas (Oiapoque)

SEPI - Secretaria Extraordinário dos Povos Indígenas

TNC - The Nature Conservancy

USAID - Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

APRESENTAÇÃO

Entre setembro e novembro de 2008, a APIO realizou cinco Oficinas de Planejamento Participativo, facilitadas por Carlos Aparecido Fernandes, com o apoio financeiro e institucional de entidades parceiras, como Funai-Brasília, Funai-Oiapoque, TNC, Iepé, Eletronorte e GTZ.

Nessas oficinas, foram discutidos os problemas que as comunidades indígenas da região enfrentam atualmente e como superá-los no futuro, partindo de um levantamento feito por eixos temáticos para a construção de diretrizes e ações estratégicas, visando alcançar uma boa qualidade de vida, com sustentabilidade. Neste documento estão compilados os resultados dessas oficinas na forma do Plano de Vida dos Povos Indígenas do Oiapoque, que foi legitimado pelos índios da região em fevereiro de 2009, no âmbito da XIII Assembleia de Avaliação dos Povos Indígenas do Oiapoque, realizada na aldeia Ahumã (BR-156).

O processo de construção deste Plano de Vida representa a reafirmação da posição específica dos índios dentro da sociedade nacional, com direitos indígenas garantidos na Constituição, mas sempre em busca do fortalecimento dos aspectos culturais, ainda tão presentes entre os Povos Indígenas do Oiapoque.

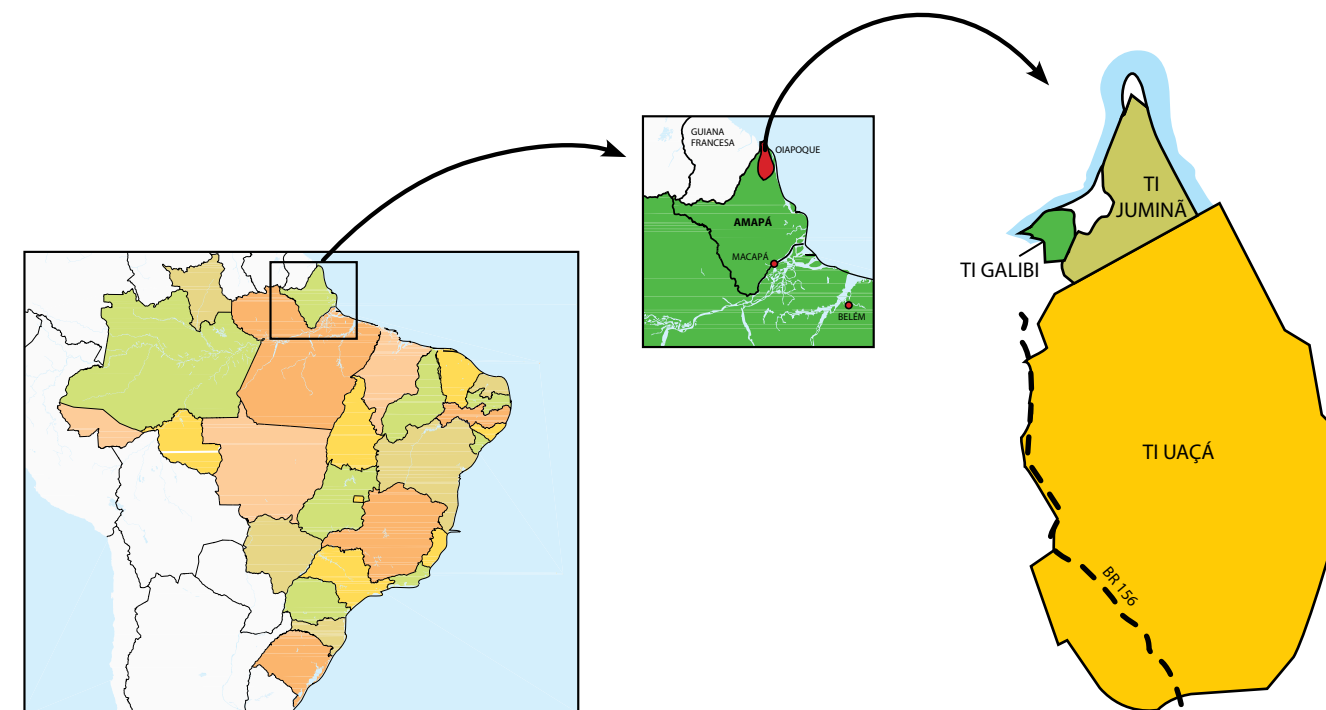
Este documento registra os principais desejos de toda uma comunidade para facilitar o processo de negociação de projetos específicos, que possam conduzir este Plano a sua adequada e plena realização.

Lux Vidal



Assembleia Geral dos Povos Indígenas do Oiapoque

Os Povos Indígenas do OIAPOQUE

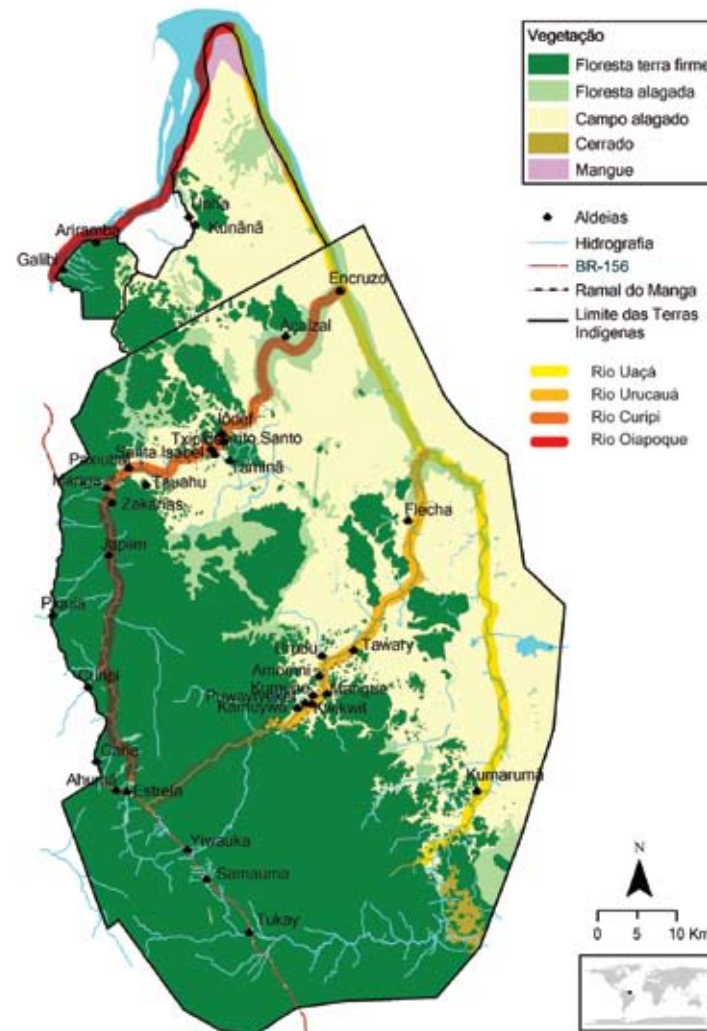


Vivem atualmente nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã, município de Oiapoque, norte do Estado do Amapá, aproximadamente seis mil índios: os Galibi Kali'na, os Palikur, os Galibi Marworno e os Karipuna, povos etnicamente diferenciados entre si e que se reconhecem enquanto "Povos Indígenas do Oiapoque". Do ponto de vista sociocultural, estes povos apresentam características comuns. Cada um, entretanto, mantém uma identidade própria, historicamente construída, controla grandes rios e suas adjacências e apresenta uma configuração política e religiosa específica.

Os **Galibi Kali'na**, oriundos de Mana, na Guiana Francesa, migraram para o lado brasileiro do rio Oiapoque na década de 1950. Falam sua própria língua, oriunda do tronco Karib. Os mais velhos falam também o francês, o patoá da Guiana Francesa e do Brasil e um pouco do Taki-Taki, o patoá holandês. Embora sejam católicos e não pratiquem rituais indígenas, orgulham-se muito de sua cultura e história. Nunca aceitaram uma educação indígena diferenciada, nem mesmo o ensino bilíngue na escola, mas por causa da língua e de sua trajetória, continuam muito apegados a seus valores e tradições.

Os **Palikur**, do tronco linguístico Aruak, falam língua própria, o parikwaki e são os habitantes originários de toda a região. Divididos em clãs, contam que antigamente falavam várias línguas, tendo prevalecido apenas a língua de um único clã. Vivem hoje no rio Urukauá, em uma aldeia maior, Kumenê e oito menores, uma delas situada na BR-156. Um grande contingente desta etnia vive na Guiana Francesa, mas a comunicação com as aldeias do lado brasileiro é contínua. Há mais de três décadas são adeptos da religião pentecostal. Os Palikur falam também o francês e o patoá, língua geral da região que, segundo dizem, pode tornar impuro seu idioma.

Terras Indígenas Juminã, Galibi e Uaçá



Apesar da semelhança entre os nomes das etnias, os **Galibi Marworno** não possuem parentesco com os Galibi Kali'na. Descendem de vários grupos, dentre os quais Karib, provenientes das Guianas em épocas remotas, além das etnias Marworno e Aruã, hoje extintas enquanto povos diferenciados. Falam o patoá francês e recordam apenas algumas dezenas de frases do “galibi antigo”, especialmente no vocabulário ritual. Vivem no rio Uaçá, concentrados desde a época do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em uma única aldeia, Kumarumã. Há ainda duas aldeias Galibi Marworno nos kms 80 e 90 (esta última no local de um antigo posto de vigilância) da BR-156, e uma pequena aldeia aberta recentemente no Km 102 e uma aldeia, Uahá, na Terra Indígena Juminã. São católicos há séculos, mas as crenças e a cosmologia são fortemente indígenas. Há diferenças lexicais e tonais entre o patoá Galibi Marworno e o patoá Karipuna. Em Kumarumã as crianças recebem um ensino bilíngue e todas falam o patoá entre elas e em casa.

Os **Karipuna** são uma população heterogênea do ponto de vista étnico, prevalecendo famílias de origem brasileira provenientes do salgado paraense e ilhas do Amapá ou de lugares mais longínquos, que se misturaram a uma população local predominantemente indígena. Ocupam as margens do rio Curipi, em quatro aldeias maiores e inúmeras localidades. Formaram a partir dos anos 1980 três aldeias menores ao



longo da BR-156, nos kms 40, 50 e 70, antigos postos de vigilância. Atualmente há cinco aldeias Karipuna às margens da rodovia. Uma aldeia mais antiga, no lado brasileiro do rio Oiapoque acabou sendo incluída na Terra Indígena Galibi, e há também uma aldeia na Terra Indígena Juminã. Falam o patoá francês, considerado a língua nativa e usado ao lado do português em todas as manifestações públicas. As crianças são alfabetizadas em patoá, apesar de muitas falarem o português em casa. São católicos, praticam curas xamânicas e realizam com frequência o Turé, em circunstâncias tradicionais e também em festas cívicas ou eventos culturais, como performance ou “demonstração”, como costumam dizer.

Estes povos, de origens diversas e que confluíram para a região em diferentes épocas, mantém intenso contato entre eles e com o entorno. As **Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã** estão todas demarcadas e homologadas, formando uma área contínua de 518.454 hectares na qual se situam 37 aldeias e localidades menores. A região é de savana, campos alagados e florestas entrecortadas por rios, igarapés e lagos. Os índios exploram todos esses nichos ecológicos, alimentando-se basicamente de peixe, caça, farinha de mandioca (que também é comercializada em troca de outros produtos) e frutas. Consomem ainda produtos alimentícios comprados no comércio de Oiapoque.



A presença destes povos na cidade de Oiapoque é marcante, seja pelo processo de urbanização indígena, que vem se intensificando em função das condições precárias de saúde e educação nas aldeias, seja pela relação de troca de produtos alimentícios que há muito realizam com os estabelecimentos comerciais ou ainda pela participação de indígenas na vida política do município, alguns eleitos vereadores, outros exercendo cargos em secretarias. Não se pode, neste sentido, deixar de mencionar a presença importantíssima do Museu Kuahí em Oiapoque, espaço de divulgação e preservação da cultura material e imaterial dos quatro povos, mas que é também amplamente visitado e utilizado por empresas e órgãos governamentais e não-governamentais para a realização de palestras e cursos, por ser uma das poucas edificações no município com estrutura para este tipo de atividade.

Boa parte da população indígena do Oiapoque se comunica em vários idiomas. Todos os povos utilizam o patoá como língua geral e são também falantes do português. Alguns índios falam o francês, devido à proximidade com a Guiana Francesa, onde muitos residem ou residiram em algum momento, trabalhando em Saint Georges ou Caiena. Apesar de explorada, a mão de obra indígena é prestigiada no país vizinho. Atualmente é mais difícil trabalhar “do outro lado”. As autoridades proíbem a permanência de pessoas sem registro legal, mesmo os indígenas, hoje considerados apenas brasileiros. Entretanto, surgem novas possibilidades de relacionamento com a criação de canais institucionais entre a Guiana Francesa e o Estado do Amapá. Planeja-se a construção de uma ponte sobre o rio Oiapoque, ligando os dois países.

Histórico

Desde o século XVI, viajantes e missionários relataram a conturbada história que os povos nativos vivenciaram desde a conquista dos europeus. Ao longo dos séculos, indígenas e estrangeiros, de acordo com as contingências, estabeleceram alianças, fizeram trocas ou entraram em guerra. Nesses processos, muitas etnias desapareceram; outras foram incorporadas em grupos maiores; outras ainda se firmaram, constituindo os atuais povos indígenas que habitam o Norte do Amapá.

A chegada do século XX representou um momento decisivo. A partir dos esforços da diplomacia brasileira, representada pelo Barão do Rio Branco, a disputa pela posse da região entre França e Brasil foi resolvida. A partir desse momento o governo brasileiro se preocupou com as populações da fronteira, considerando a urgência de “abrasileirar” seus costumes.

Na década de 1970, os quatro grupos indígenas do Oiapoque iniciaram um processo de organização política conjunta, com a realização anual de Assembleias. A grande vitória desse processo foi a homologação de suas terras em 1992 e a criação da Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque – APIO; em 2002 foi fundada a AGM – Associação Galibi Marworno; em 2005, a OPIMO – Organização dos Professores Indígenas do Município de Oiapoque e em 2006 a AMIM – Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão. Em 2008 foi criado o Comitê Gestor, que conta com 12 membros indígenas e representantes dos governos federal



João Antonio Felício,
da aldeia Kumenê.

e estadual para acompanhar e controlar as ações mitigatórias e compensatórias relativas a três grandes projetos de infraestrutura desenvolvidos na região: o asfaltamento da BR-156, a construção da ponte binacional sobre o rio Oiapoque e a construção de uma linha de transmissão de energia elétrica. Sobre este último empreendimento, recentemente a Eletronorte informou aos Povos Indígenas do Oiapoque sobre a sua desistência em relação à construção do mesmo, após quatro anos de estudos e negociações.

Fortalecimento

Desde 2002 os povos indígenas da região vêm desenvolvendo, em parceria com organizações governamentais e não-governamentais projetos de fortalecimento e valorização ambiental e cultural, como o Mapeamento Participativo das Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã, coordenado pela TNC; a Formação de Agentes Ambientais Indígenas, como o apoio da TNC e Apio e cuja atuação tem sido voltada para o manejo dos recursos naturais, a legislação ambiental e o direito indígena.

De grande importância foram a implantação do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque – estruturado e equipado para desenvolver todas as atividades de um museu contemporâneo – e o projeto Resgate Cultural, executado pela Apio com apoio financeiro do “Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas” – PDPI/MMA, cuja proposta foi resgatar aspectos da cultura material e imaterial ameaçados de esquecimento.

Em 2005 e 2008, através de quatro oficinas, foi realizado pelo Iepé projeto de Formação de Pesquisadores Indígenas e Gestores do Patrimônio Cultural, que contou com a participação de várias aldeias. O projeto foi financiado pela Petrobrás Cultural.

Em 2007 foi inaugurada no Museu do Índio – RJ uma grande exposição, “A Presença do Invisível”, sobre a vida cotidiana e ritual dos Povos Indígenas do Oiapoque.

Lux Vidal



Monte Karupina (português), Kahupina (patoá) ou Karonna (palikur).

INTRODUÇÃO

Conceitos

1. O que é um Plano de Vida?

De forma geral, um Plano de Vida é uma forma de descrever o que se quer para o futuro, organizar esses objetivos e descrever como esperamos que eles sejam alcançados. É como se fosse um grande projeto, que guiasse todas as ações de uma pessoa, ou, de uma comunidade inteira, rumo ao alcance de um ou mais objetivos maiores. No caso dos Povos Indígenas do Oiapoque, o objetivo maior é garantir uma boa qualidade de vida, tanto no âmbito social quanto no ambiental.



2. O que é Planejamento Participativo?

É o processo de construção coletiva de um plano, ou seja, onde há a participação direta dos principais interessados, permitindo assim que ideias, objetivos, prioridades, problemas e soluções sejam compartilhados e coordenados, de forma que os anseios de toda a comunidade sejam contemplados.

Por que construir este Plano de Vida

Durante a realização do Diagnóstico Organizacional Participativo (DOP) da Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque (APIO), no mês de março de 2008, por equipe de consultores da TNC, foi identificada a existência de um conjunto de problemas que afetam os povos indígenas do Oiapoque. Grande parte desses problemas está diretamente relacionada a uma inadequação das políticas públicas implementadas junto aos povos indígenas, ocasionada principalmente pela ausência de mecanismos adequados de participação dos povos indígenas nos processos de tomada de decisões e desrespeito aos padrões socioculturais.

Por isso, desde agosto de 2008, instituições parceiras (APIO, Funai-Brasília, Funai-Oiapoque, Iepé, TNC, Eletronorte e GTZ), no âmbito de suas atribuições específicas e objetivos, discutem estratégias de como conduzir um processo de elaboração de um Plano de Vida, capaz de delinear claramente as mudanças necessárias para a melhoria da qualidade de vida dos povos indígenas do Oiapoque.

Essa discussão se faz especialmente necessária pelo fato de que, nesse momento, pretende-se implantar nas Terras Indígenas da região três grandes projetos que trarão impactos para as condições de vida, trabalho e ambiente dos povos indígenas do Oiapoque:

1. Linha de Transmissão da Eletronorte no trecho LT Calçoene-Oiapoque sobre a TI Uaçá;
2. Pavimentação da BR-156, que liga Macapá ao Oiapoque; e
3. Ponte Binacional, ligando o Brasil à Guiana Francesa.

METODOLOGIA – COMO ESTÁ SENDO CONSTRUÍDO ESTE PLANO DE VIDA?

Contando com o apoio financeiro e institucional de entidades parceiras, a condução metodológica foi construída por consultoria especializada e está sendo realizada em oito passos.

1º Passo: Articulação de Parceiros

Tratou-se da fase inicial do processo, quando as instituições que apóiam o Plano de Vida foram identificadas e assumiram ações conjuntas em torno de objetivos comuns. Foi nesse momento que houve a formação de parcerias para somar esforços e coordenar ações, gerar sinergia e potencializar os resultados. As instituições articuladas são APIO, FUNAI-Brasília, FUNAI-Oiapoque, Iepé, TNC, Eletronorte e GTZ.

Como resultado deste processo inicial de discussões, em setembro de 2008, durante a realização da VIII Assembleia dos Povos Indígenas do Oiapoque, foi acordado com os representantes indígenas a implementação do processo de Planejamento Participativo do Plano de Vida dos Povos Indígenas do Oiapoque.

2º Passo: Mobilização

Nessa etapa foi apresentada a metodologia proposta de forma a sensibilizar os representantes dos povos e das organizações indígenas, além dos parceiros, quanto à participação e comprometimento com as atividades programadas. Foi realizada através de reuniões de trabalho, contatos com as lideranças, visitas às aldeias e apresentações durante as assembleias.

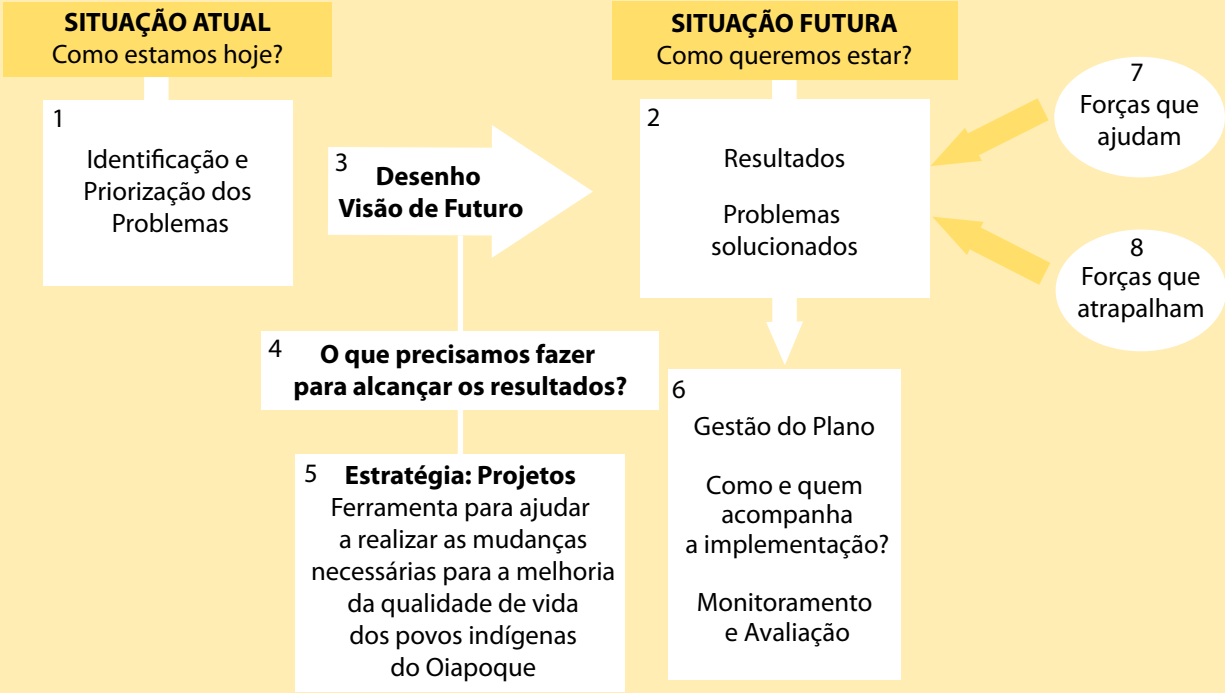
3º Passo: Oficinas de Planejamento

Consistiu na realização de cinco Oficinas Regionais de Planejamento Participativo que contaram com a presença de 268 participantes dos quatro povos indígenas presentes na região.

REGIÃO	ALDEIA	PARTICIPANTES	POVO
Urukauá	Kumenê	62	Palikur
Uaçá	Kumarumã	52	Galibi Marworno
Curipi	Santa Izabel	65	Karipuna
BR-156	Tukay	47	Palikur, Galibi Marworno e Karipuna
Rio Oiapoque	Ariramba	42	Karipuna, Galibi Marworno e Galibi Kali’na
TOTAL		268	

Esses eventos tiveram como objetivo formar conteúdos e técnicas para o processo do Planejamento Participativo, de forma a preparar os povos indígenas para analisar a sua realidade, auxiliando na discussão e na identificação de “projetos prioritários”, seu monitoramento e avaliação. As oficinas discutiram também questões limitadoras e potencializadoras para as mudanças propostas pelos povos e organizações indígenas do Oiapoque e desafios de sustentabilidade das propostas. Além disso, foram definidos os próximos passos para sua concretização.

Momentos da Oficina



4º Passo: Validação

Para que o Plano de Vida construído durante as oficinas de Planejamento Participativo pudesse produzir o efeito esperado, era necessário que ele fosse validado, ou seja, apresentando, analisado e aprovado em plenária pelos representantes das quatro etnias dos povos indígenas do Oiapoque e de suas organizações indígenas. Para isso, foi promovido um Seminário em fevereiro de 2009, durante a XIII Assembleia Geral dos Povos Indígenas do Oiapoque. Além dos representantes indígenas, o Seminário contou com a presença de representantes das instituições parceiras e do Comitê de Acompanhamento das Ações de Compensação da Pavimentação da BR- 156. A validação também incluiu um acordo entre as partes sobre o processo de implementação do Plano de vida, o que também ocorreu durante o Seminário.



5º Passo: Elaboração de Projetos

Para que o Plano de Vida se torne concreto, serão realizadas diversas oficinas com o objetivo de elaborar projetos que estejam alinhados com o objetivo do Plano. As oficinas serão organizadas e seus participantes definidos a partir de negociações que os Povos Indígenas estabelecerem com os parceiros internos e externos.

6º Passo: Implementação dos Projetos

Nessa fase os projetos (futuros ou já existentes) são colocados em prática de acordo com o que foi planejado para cada um.

7º Passo: Monitoramento Participativo

Para garantir a efetividade dos projetos, serão gerados indicadores que por sua vez serão monitorados através das Oficinas de Monitoramento Participativo.

8º Passo: Avaliação Participativa

Com base nos resultados do monitoramento, e também para garantir que os objetivos sejam alcançados, haverá uma constante reflexão, através de oficinas, sobre os resultados obtidos no processo de implementação do Plano de Vida.

Lorenda Raiol

GESTÃO DO PLANO DE VIDA DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE

Quem acompanha o plano?

O Comitê Gestor, juntamente com as comunidades, caciques e lideranças indígenas, com o apoio das organizações e instituições governamentais (Funai Oiapoque – Funai Brasília, Governo do Estado do Amapá, SETRAP, DNIT, PMO e Ibama) e não-governamentais (Iepé, TNC, CIMI) a Cooperação Técnica Alemã (GTZ), uma empresa estatal (Eletronorte) e empresas privadas.

Como acompanhar o plano?

Participando das oficinas, reuniões com as comunidades;

Cobrando do Comitê Gestor as informações;

Fiscalizando se os recursos estão sendo aplicados adequadamente, de acordo com o Plano de Vida;

Monitorando e avaliando a elaboração e execução de todos os projetos;

Denunciando as ações contra as decisões das comunidades;

Forças que ajudam

A participação dos Povos Indígenas do Oiapoque (caciques, vereadores, conselheiros, professores indígenas, homens, mulheres, jovens, agentes indígenas de saúde, agentes ambientais indígenas);

O Comitê Gestor;

Coordenação dos trabalhos entre os povos indígenas e o Comitê Gestor;

Compromisso e responsabilidade das comunidades indígenas com os objetivos do Plano de Vida;

A organização das comunidades indígenas (força política);

A tomada de decisões conjunta das comunidades indígenas;

A força dos conhecimentos e a forma de como fazer as coisas dos Povos Indígenas do Oiapoque;

O processo constante de formação das lideranças, conselheiros, técnicos e etc.

A natureza preservada e a riqueza dos seus recursos naturais (floresta, fauna, área de campos alagados, hídricos, áreas submersas);

Controle dos limites das Terras Indígenas do Oiapoque;

As organizações (Apio, Opimo, AMIM) das comunidades indígenas do Oiapoque;

As Assembleias Gerais e de Avaliação dos Povos Indígenas do Oiapoque;

As organizações parceiras e de apoio dos Povos Indígenas do Oiapoque (Funai, TNC, Iepé, GTZ, Eletronorte, Museu Kuahí, CIMI, Ibama, ICMBio, GEA, Sepi, Sema, Secult, SEED, Semai, Nei, Funasa, Mec, PDPI, PMO, Fundação Banco do Brasil).

Rede de parceria internacional Brasil/Guiana Francesa

Forças que atrapalham

A má administração/gerenciamento dos recursos;

Não acompanhamento dos Projetos;

Projetos mal assessorados;

Descontinuidade dos projetos;

Inadimplência das organizações indígenas;

Desvio de recursos públicos;

A mudança de mandato de governo;

Cooptação das lideranças pelos políticos;

A falta de sensibilidade dos parceiros/empreendedores em relação à diversidade dos grupos indígenas e o significado do Plano de Vida;

As visões contrárias dos não indígenas;

A falta de compromisso dos empreendedores e dos órgãos governamentais com os Projetos;

A falta de comunicação, informação e divulgação das políticas voltadas aos Povos Indígenas do Oiapoque;

Falta de apoio a projetos;

culturais sobre conhecimentos indígenas.



SAIBA A OPINIÃO DAS PESSOAS ENVOLVIDAS NO PLANO DE VIDA

“Nossos amigos verificaram que se o uso do dinheiro das compensações não for bem planejado, este recurso será jogado fora. Resolvemos fazer estas oficinas (lugar onde se constrói as coisas) para construir nosso Plano de Vida. Temos várias etnias em uma mesma área, cada qual com sua particularidade. Por isso as oficinas foram feitas por área, ouvindo o povo de cada região. É em cima dessas especificidades que o Plano de Vida está sendo construído. Será feito um documento com todas as prioridades. O Comitê Gestor foi escolhido na assembleia com o objetivo de acompanhar os processos de compensação e mitigação. Tem representantes de todas as áreas (saúde, educação, política, meio ambiente, cultura etc), além de representantes das instituições envolvidas. Estamos apostando na atuação dos professores indígenas, que podem atuar como multiplicadores. Nós, do Comitê Gestor, estamos contando com vocês. Pedimos pontualidade para sairmos com alguma coisa. quem nunca participou de uma oficina, acha que é desnecessária. Depois do primeiro dia, começa a entender melhor as coisas e no segundo já sabe onde está pisando. Já participei de quatro oficinas e conheço o roteiro. Tudo o que for decidido, vai ser registrado. Vai ter um momento em que vocês vão ter que pensar em como querem a aldeia de vocês para o futuro. Para isso, é preciso planejar. Esta é só a primeira etapa, depois virão outras. Estamos dispostos a contribuir.”



ÁLVARO SILVA, ENFERMEIRO E MEMBRO INDÍGENA DO COMITÊ GESTOR

“(...) Não sabia o que era Plano de Vida. É um modo de nos prepararmos para as mudanças trazidas pelo progresso. Essas questões já vinham sendo discutidas. Foi muito importante e só veio a somar para mim, que sou educador. Já vamos começar a trabalhar com nossos alunos. Temos que trabalhar o Plano de Vida desde quando nos entendemos por pessoa. É muito importante para nosso futuro. Obrigado.”

ODOELSON, PROFESSOR

“Eu ainda não existia e já havia essa organização na TI Uaçá dos Povos Indígenas do Oiapoque. Nós somos os frutos desta luta e conquista, nós temos que abraçar a causa, com nossos colegas e autoridades, para chegar num consenso exato e defender nossos costumes, tradições, língua, cultura. Achei muito relevante esta linha do tempo.”

OBERTO, PROFESSOR E DIRETOR DA ESCOLA DE KUMARUMÃ

“Nunca tivemos aqui na comunidade uma oficina como essa, com os problemas e as soluções colocados por nós(...) Fiquei muito contente com a participação dos professores. (...) A gente conta com esse grupo de jovens professores, que tem toda uma caminhada pela frente. (...) Muitos caciques chegaram até aqui. Daqui para frente quem leva são vocês e precisam estar muito inteirados.”

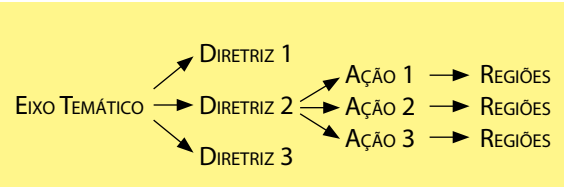


PAULO ROBERTO SILVA - ALDEIA KUMARUMÃ

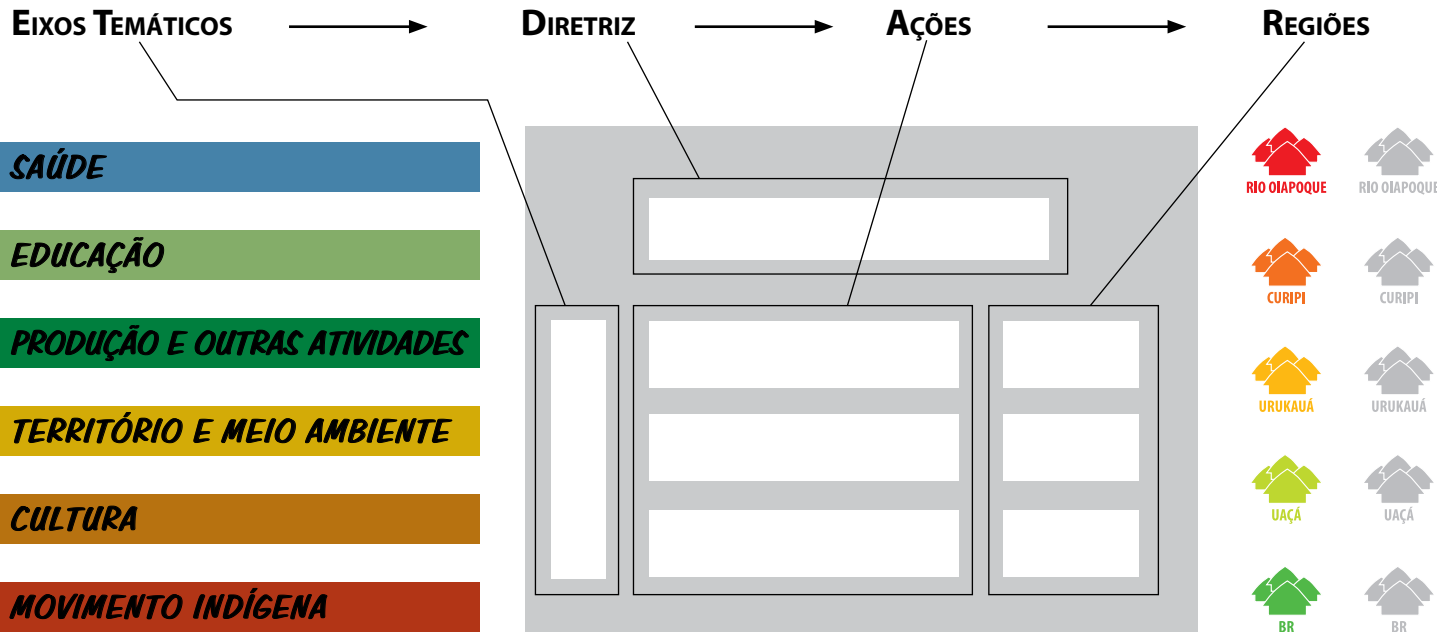
COMO SE ORGANIZA ESTA PUBLICAÇÃO?

São propostos seis **Eixo Temáticos**, sobre os quais são determinadas diretrizes que nortearão as ações correspondentes. Cada **DIRETRIZ**, por sua vez, é dividida em ações específicas.

Durante a leitura, cada **Ação** virá acompanhada de ícones que indicam as **Regiões** ou aldeias onde a ação será realizada, durante a execução dos Projetos. As regiões destacadas com cor são prioritárias.



Mapa de fluxo de informações



Modelo de página

“A água é nossa maior riqueza, temos que cuidar bem dela. O sistema de saneamento básico, com um bom banheiro, chuveiro, lugar para lavar louça e roupa, é importante para nossa comunidade. Evita muitas doenças, como a diarreia.”

PAULO ROBERTO SILVA - ALDEIA KUMARUMÃ

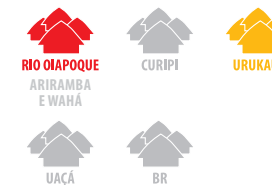
SAÚDE



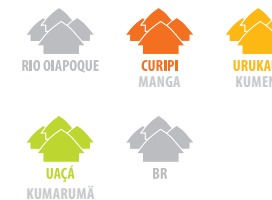


DIRETRIZ AMPLIAR E REESTRUTURAR A INFRAESTRUTURA FÍSICA E ADMINISTRATIVA DAS UNIDADES DE ATENDIMENTO À SAÚDE INDÍGENA.

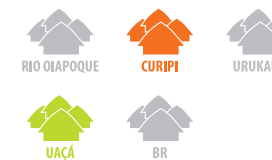
AÇÕES Construir Unidades de Atendimento à saúde indígena levando em consideração as concepções de edificação, ocupação espacial e condições socioambientais próprias de cada povo indígena.



Construir três Mini-Hospitais levando em consideração as concepções de edificação, ocupação espacial e condições socioambientais próprias de cada povo indígena

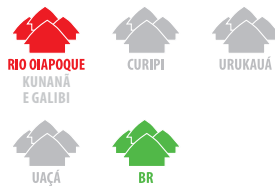


Ampliar Unidades de Atendimento à saúde Indígena levando em consideração as concepções de edificação, ocupação espacial e condições socioambientais próprias de cada povo indígena.

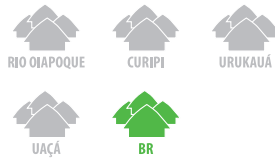


← Caminho das Águas

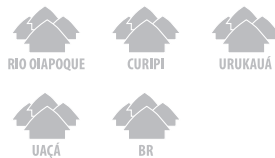
Reformar Unidades de Atendimento à saúde Indígena levando em consideração as concepções de edificação, ocupação espacial e condições socioambientais próprias de cada povo indígena.



Equipar as Unidades de Atendimento à saúde indígena com equipamentos e materiais necessários ao atendimento com qualidade dos povos indígenas.



Contratar preferencialmente profissionais indígenas habilitados para a execução de serviços administrativos nas Unidades de Atendimento à saúde indígena.



DIRETRIZ GARANTIR A MANUTENÇÃO DA INFRAESTRUTURA FÍSICA E ADMINISTRATIVA E AQUISIÇÃO DOS MATERIAIS NECESSÁRIOS AO ATENDIMENTO DA SAÚDE INDÍGENA.

AÇÕES Contratar serviços de manutenção dos equipamentos em funcionamento nas Unidades de Atendimento à saúde indígena.



Adquirir os materiais necessários para a prestação de serviços de saúde com qualidade nas Unidades de Atendimento à saúde indígena.



DIRETRIZ GARANTIR O ATENDIMENTO À SAÚDE INDÍGENA COM PROFISSIONAIS HABILITADOS E QUALIFICADOS.

AÇÕES Contratar profissionais de saúde em diferentes especialidades médicas.



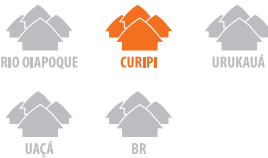


DIRETRIZ AMPLIAR AS AÇÕES DE SANEAMENTO BÁSICO NAS ALDEIAS.

AÇÕES Implantar e melhorar os sistemas de saneamento básico nas Aldeias levando em consideração as condições socioambientais próprias de cada povo indígena.



Implantar sistemas de coleta seletiva de lixo nas Aldeias.

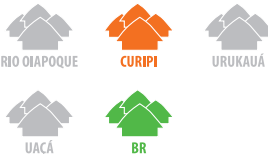


DIRETRIZ GARANTIR AÇÕES DE ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA COM RESPEITO ÀS PRÁTICAS TRADICIONAIS INDÍGENAS.

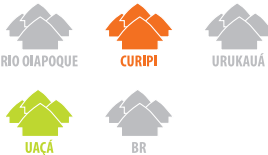
AÇÕES Adquirir medicamentos necessários a profilaxia e cura das doenças que acometem com maior frequência os povos indígenas.



Promover a distribuição adequada, junto as Unidades de Atendimento à saúde indígena de medicamentos necessários a cura das doenças que acometem com maior frequência os povos indígenas.



Estimular nas aldeias a prática da medicina tradicional e a utilização de medicamentos naturais.



DIRETRIZ PRIORIZAR A FORMAÇÃO E CONTRATAÇÃO DOS TRABALHADORES INDÍGENAS PARA EXECUTAR AS AÇÕES DE SAÚDE INDÍGENA.

AÇÕES Executar processos de formação profissional de trabalhadores indígenas para executar as ações de saúde indígena.



Executar processos de formação continuada de trabalhadores indígenas para executar ações de saúde indígena.





DIRETRIZ	PROMOVER A INTENSIFICAÇÃO DAS AÇÕES DE CONTROLE DE ENDEMIAS E DOENÇAS INFECTOCONTAGIOSAS.	
AÇÕES	Promover ações efetivas e continuadas de saúde preventiva.	<div><div>RIO OIAPOQUE</div><div>CURIPI</div><div>URUKAUÁ</div><div>UAÇÁ</div><div>BR</div></div>
	Promover ações socioeducativas de prevenção de endemias e doenças infecto-contagiosas.	<div><div>RIO OIAPOQUE</div><div>CURIPI</div><div>URUKAUÁ</div><div>UAÇÁ</div><div>BR</div></div>

	Contratar preferencialmente trabalhadores indígenas habilitados, mediante processos seletivos específicos, para executar as ações de saúde indígena.	<div><div>RIO OIAPOQUE</div><div>CURIPI</div><div>URUKAUÁ</div><div>UAÇÁ</div><div>BR</div></div>
	Reconhecer e regulamentar a categoria profissional dos agentes indígenas de saúde com garantia dos direitos trabalhistas.	<div><div>RIO OIAPOQUE</div><div>CURIPI</div><div>URUKAUÁ</div><div>UAÇÁ</div><div>BR</div></div>

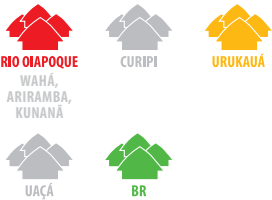
DIRETRIZ	GARANTIR A IMUNIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS	
AÇÕES	Realizar periodicamente a vacinação de crianças, adolescentes, jovens, homens, mulheres e idosos indígenas nas Aldeias.	<div><div>RIO OIAPOQUE</div><div>CURIPI</div><div>URUKAUÁ</div><div>UAÇÁ</div><div>BR</div></div>
DIRETRIZ	GARANTIR O DESLOCAMENTO DE PACIENTES INDÍGENAS PARA AS UNIDADES DE ATENDIMENTO À SAÚDE INDÍGENA.	
AÇÕES	Adquirir veículos e embarcações para o transporte de pacientes indígenas para as Unidades de Atendimento à saúde indígena.	<div><div>RIO OIAPOQUE</div><div>CURIPI</div><div>URUKAUÁ</div><div>UAÇÁ</div><div>BR</div></div>
	Adquirir materiais e contratar serviços necessários ao funcionamento e a manutenção regular dos veículos e embarcações utilizadas para o transporte de pacientes indígenas para as Unidades de Atendimento a saúde indígena.	<div><div>RIO OIAPOQUE</div><div>CURIPI</div><div>URUKAUÁ</div><div>UAÇÁ</div><div>BR</div></div>





DIRETRIZ GARANTIR MECANISMOS DE COMUNICAÇÃO ADEQUADOS AO ATENDIMENTO À SAÚDE INDÍGENA.

AÇÕES Adquirir e instalar equipamentos de radiofonia e de comunicação telefônica nas Aldeias



Contratar serviços necessários ao funcionamento e à manutenção regular dos equipamentos de radiofonia e de comunicação telefônica nas Aldeias.



DIRETRIZ FORTALECER A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE INDÍGENA, NA ELABORAÇÃO, IMPLEMENTAÇÃO, MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DA POLÍTICA DE SAÚDE INDÍGENA.

AÇÕES Apoiar os representantes indígenas na execução das atividades de controle social da política de saúde indígena.



“Queremos os livros escolares publicados em nossa língua. Queremos pessoas da comunidade formados para fazer filmes, colocar em CD e DVD, para registrar coisas importantes. Que estes materiais sejam reconhecidos pelo MEC e colocados na internet, disponíveis para quem quiser pesquisar nossa língua e nossa cultura.”

KÁTIA SANTOS – ALDEIA KUMARUMÃ

EDUCAÇÃO



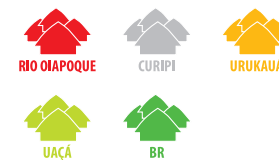


DIRETRIZ AMPLIAR E REESTRUTURAR A INFRAESTRUTURA FÍSICA E ADMINISTRATIVA DAS UNIDADES DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.

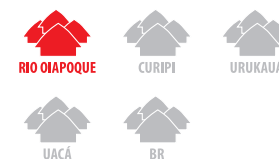
AÇÕES Construir Unidades de Educação Escolar indígena levando em consideração as concepções de edificação, ocupação espacial e condições socioambientais próprias de cada povo indígena.



Ampliar as Unidades de Educação Escolar Indígena levando em consideração as concepções de edificação, ocupação espacial e condições socioambientais próprias de cada povo indígena.

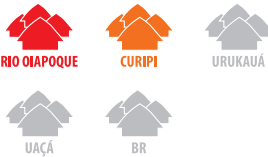








Reformar as Unidades de Educação Escolar Indígena levando em consideração as concepções de edificação, ocupação espacial e condições socioambientais próprias de cada povo indígena.



← *Agentes Ambientais Indígenas do Oiapoque*



Equipar as Unidades de Educação Escolar Indígena, de acordo com as diretrizes definidas no Plano Político Pedagógico.	
Construir Unidades de Alojamentos para Professores nas Aldeias levando em consideração as concepções de edificação, ocupação espacial e condições socioambientais próprias de cada povo indígena.	
Ampliar as Unidades de Alojamentos para Professores levando em consideração as concepções de edificação, ocupação espacial e condições socioambientais próprias de cada povo indígena.	
Reformar as Unidades de Alojamentos para Professores levando em consideração as concepções de edificação, ocupação espacial e condições socioambientais próprias de cada povo indígena.	

Equipar as Unidades de Alojamento para Professores.	
Contratar preferencialmente profissionais indígenas habilitados para a execução de serviços administrativos nas Unidades de Educação Escolar indígena.	
DIRETRIZ GARANTIR A MANUTENÇÃO DA INFRAESTRUTURA FÍSICA E ADMINISTRATIVA E DOS MATERIAIS NECESSÁRIOS AO FUNCIONAMENTO DAS UNIDADES DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.	
AÇÕES Contratar a prestação de serviços de manutenção nos equipamentos em funcionamento nas Unidades de Educação Escolar Indígena.	
Adquirir os materiais necessários para a prestação de serviços de Educação Escolar Indígena nas Unidades Escolares.	





DIRETRIZ GARANTIR A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES INDÍGENAS EM NÍVEL MÉDIO E SUPERIOR.

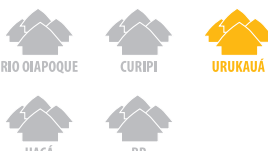
AÇÕES Concluir e propiciar a continuidade do processo de formação inicial e continuada de professores indígenas em nível médio.



Concluir o processo de formação de professores indígenas em nível superior nas diferentes áreas de habilitação para o ensino escolar indígena.



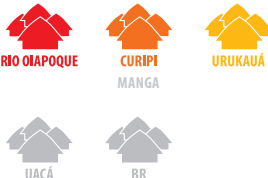
Ampliar o número de indígenas nos diferentes cursos de formação de professores indígenas em nível superior.



Propiciar o acesso dos professores indígenas de nível superior aos programas de pós-graduação.



Construir e equipar Unidade Escolar de Ensino Superior.



Realizar Encontros, Reuniões e Seminários com vistas ao aperfeiçoamento dos professores indígenas.






































DIRETRIZ GARANTIR O ACESSO E PERMANÊNCIA DE PROFESSORES INDÍGENAS EM CURSOS UNIVERSITÁRIOS.

AÇÕES Instituir mecanismos de apoio financeiro para professores que cursam universidade.





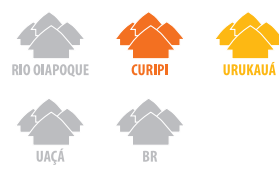
DIRETRIZ	GARANTIR A PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E UTILIZAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO ESPECÍFICO EM LÍNGUAS INDÍGENAS, BILÍNGUES OU EM PORTUGUÊS.		
AÇÕES	Realizar pesquisas para a produção de material didático específico.	    	
	Promover eventos de produção e utilização de material didático específico.	    	
	Editar os materiais didáticos específicos.	    	
	Distribuir os materiais didáticos específicos para as Unidades Escolares Indígenas.	    	

DIRETRIZ	GARANTIR O DESLOCAMENTO DE ESTUDANTES INDÍGENAS PARA AS UNIDADES DE ENSINO ESCOLAR INDÍGENA.		
AÇÕES	Adquirir veículos e embarcações para o transporte de estudantes indígenas para as unidades de ensino escolar indígena.	    	
	Adquirir materiais e contratar serviços necessários ao funcionamento e a manutenção dos veículos e embarcações utilizadas para o transporte de estudantes indígenas para as Unidades de Ensino Escolar Indígena.	    	
DIRETRIZ	GARANTIR O APOIO POLITICO-PEDAGÓGICO PARA O FUNCIONAMENTO DAS UNIDADES ESCOLARES INDÍGENAS, EM RESPEITO À REALIDADE DE CADA POVO INDÍGENA.		
AÇÕES	Elaborar o Projeto Político-pedagógico das Unidades Escolares Indígenas.	    	

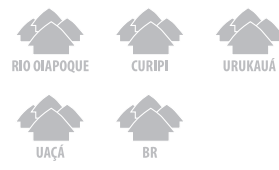




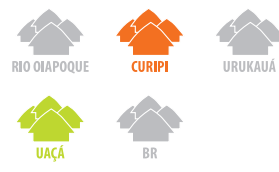
Implantar o Currículo Escolar Específico nas Unidades Escolares Indígenas.



Instalar processos de reconhecimento das Unidades Escolares Indígenas junto aos órgãos competentes das Secretarias Estadual e Municipal de Ensino.

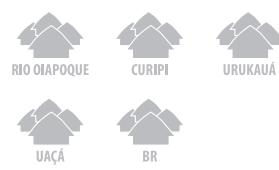


Contratar profissionais com formação específica em pedagogia para o acompanhamento pedagógico nas Unidades Escolares Indígenas.



DIRETRIZ GARANTIR A DISTRIBUIÇÃO REGULAR E DE QUALIDADE DA MERENDA ESCOLAR, DE ACORDO COM OS PADRÕES ALIMENTARES DE CADA POVO INDÍGENA.

AÇÕES Adquirir merenda escolar de acordo com o padrão alimentar de cada povo indígena.



“A questão da produção é fundamental para nosso futuro. Hoje a gente só produz farinha. As galinhas são criadas pela natureza. Não temos um cuidado especial com elas, uma técnica, uma medicação. Essa aldeia era cheia de plantações, mas desapareceram por causa de uma praga nas laranjeiras, que morriam cheias de frutos. É muito importante criar animais silvestres. A caça é muito rara para nós e o que vem pela frente o pessoal mata para comer. Precisamos ter técnicos indígenas.”

PAULO SILVA, CACIQUE, ALDEIA KUMARUMÃ

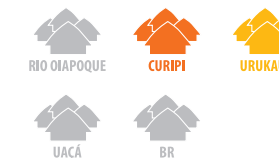
PRODUÇÃO





DIRETRIZ FORTALECER O APOIO AO DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PRODUTIVAS INDÍGENAS SUSTENTÁVEIS.

AÇÕES Estruturar cadeias produtivas sustentáveis, com a incorporação de novas culturas e a valorização das técnicas e dos conhecimentos tradicionais relacionados à produção de alimentos, de utensílios e extração de produtos agroflorestais.



Apoiar com assistência técnica as atividades produtivas indígenas sustentáveis.



Apoiar o cultivo de espécies extrativistas necessárias para a prática da medicina tradicional e na confecção de artefatos indígenas.



Apoiar a aquisição de meios de transporte da produção indígena sustentável.



← Fartura de Peixe

DIRETRIZ GARANTIR A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFISSIONAIS INDÍGENAS EM ÁREAS ESPECÍFICAS EM NÍVEL MÉDIO E SUPERIOR.

AÇÕES Propiciar mecanismos de formação inicial e continuada de profissionais indígenas em áreas específicas a nível médio e superior (produção, pesca e extrativismo).



Capacitar profissionais indígenas na elaboração, execução, monitoramento e avaliação de projetos produtivos indígenas sustentáveis.

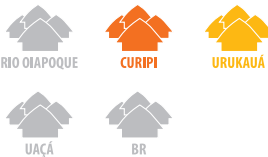


DIRETRIZ PROMOVER A UTILIZAÇÃO DE ÁREAS DESMATADAS, COM AUMENTO DE PRODUTIVIDADE E RECUPERAÇÃO FLORESTAL E PRODUTIVA DAS ÁREAS DEGRADADAS.

AÇÕES Incentivar o Manejo Florestal Sustentável.

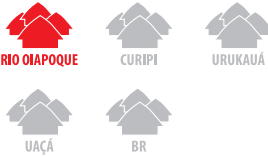


Apoiar a recuperação de áreas degradadas.

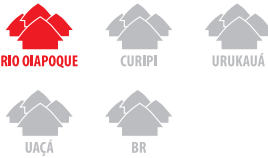


DIRETRIZ APOIAR AS INICIATIVAS DE BENEFICIAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS DE PLANTAS NATIVAS E CULTIVADAS.

AÇÕES Criar e melhorar a infraestrutura de comercialização (vias de acesso, depósitos e outros).



Criar e melhorar infraestrutura de beneficiamento de produtos de plantas nativas e cultivadas.



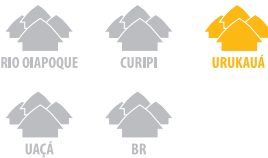
DIRETRIZ

GARANTIR A REPRODUÇÃO DE ANIMAIS DA FAUNA NATIVA.

AÇÕES

Desenvolver criatórios de animais para subsistência, comercialização e repovoamento da fauna nativa.

Criar e manejar animais de pequeno, médio e grande porte compatíveis com práticas sustentáveis.



DIRETRIZ

RESGATAR E CONSERVAR ESPÉCIES TRADICIONAIS DE USO INDÍGENA.

AÇÕES

Promover conservação e revitalização do plantio de espécies tradicionais de uso indígena (sementes e mudas tradicionais).

Capacitar para a preparação de mudas e para a conservação de espécies vegetais.





“Tenho um cálculo aproximado de 70% de campos alagados e 30% de terra firme (nas Terras Indígenas). Hoje é mais fácil justificar que existe uma relação entre os povos indígenas e a terra (...). A mitologia tem relação muito importante e é sobre isso que temos que justificar a ideia de demarcação da nova terra.”

DOMINGOS SANTA ROSA - FUNAI AER-OIAPOQUE

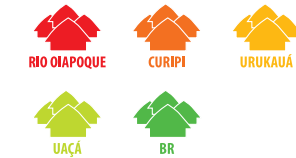
TERRITÓRIO E MEIO AMBIENTE





DIRETRIZ PROMOVER AÇÕES DE ORDENAMENTO TERRITORIAL, DE PROMOÇÃO DO USO SUSTENTÁVEL E DE PROTEÇÃO E CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS.

AÇÕES Apoio técnico e financeiro à elaboração e implementação dos Planos de Gestão Territorial e Ambiental nas terras indígenas.



Dar continuidade no processo de formação e garantir a atuação profissional de agentes ambientais indígenas no desenvolvimento das ações de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Oiapoque.





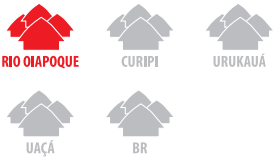
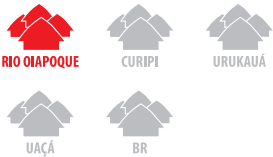
Realizar educação ambiental como instrumento de proteção e conservação dos recursos naturais.

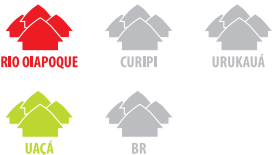
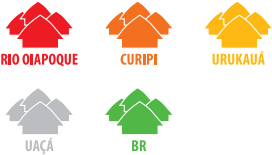


Proteger o conhecimento tradicional sobre a biodiversidade das terras indígenas.

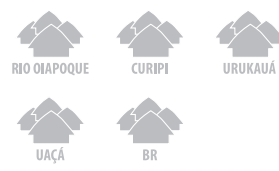


← *Gavião-carrapateiro (Milvago chimachima)*

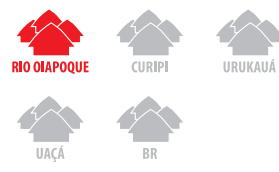
	Instituir mecanismos existentes apropriados para a compensação dos serviços ambientais.	
DIRETRIZ	GARANTIR O MANEJO ADEQUADO DE ANIMAIS SILVESTRES.	
AÇÕES	Apoiar tecnicamente e financeiramente a construção de planos de manejo adequado de animais silvestres.	
DIRETRIZ	GARANTIR A GESTÃO ADEQUADA DOS RECURSOS HÍDRICOS DAS TERRAS INDÍGENAS DE ACORDO COM OS CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DOS POVOS INDÍGENAS.	
AÇÕES	Implantar sistemas de monitoramento dos rios e igarapés das Terras Indígenas.	
	Realizar campanhas educativas de uso adequado dos rios e igarapés das Terras Indígenas.	

DIRETRIZ	GARANTIR O MANEJO ADEQUADO DOS RECURSOS PESQUEIROS DE ACORDO COM OS CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DOS POVOS INDÍGENAS.	
AÇÕES	Apoiar tecnicamente e financeiramente a elaboração e implementação de planos de manejo adequado dos recursos pesqueiros.	
	Instituir, em parceria com órgãos oficiais, mecanismos de vigilância e fiscalização da prática de pesca nas Terras Indígenas.	
DIRETRIZ	GARANTIR A VIGILÂNCIA E FISCALIZAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS.	
AÇÕES	Apoio técnico e financeiro para as ações de vigilância e fiscalização das Terras Indígenas.	

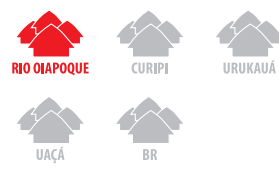
Apoiar à construção, ampliação e a reestruturação das construções destinadas à vigilância e fiscalização das terras indígenas.



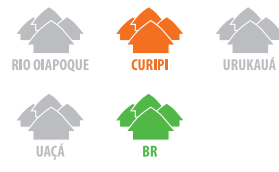
Apoiar à aquisição de equipamentos e materiais necessários as ações de vigilância e fiscalização das Terras Indígenas.



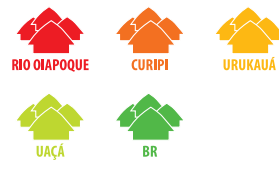
Apoiar o processo de formação de indígenas para as ações e vigilância e fiscalização das Terras Indígenas.



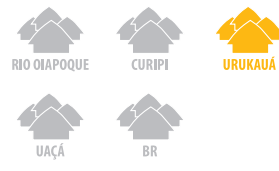
Apoiar as iniciativas de combate ao fogo e ao desmatamento.



Efetivar a desocupação de não indígenas das Terras Indígenas.

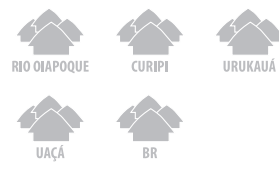


Efetivar mecanismos de articulações interinstitucionais para as ações de vigilância e fiscalização.

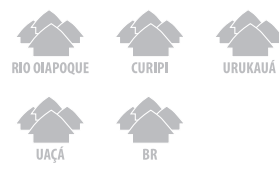


DIRETRIZ GARANTIR A MITIGAÇÃO E COMPENSAÇÃO DOS IMPACTOS GERADOS PELA IMPLANTAÇÃO DE EMPREENDIMENTOS NAS TERRAS INDÍGENAS.

AÇÕES Executar estudos dos possíveis impactos ocasionados com a implantação de empreendimentos nas Terras Indígenas.

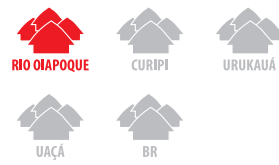


Instituir mecanismos para execução e controle da aplicação dos recursos provenientes da compensação e mitigação dos impactos gerados pela implantação de empreendimentos em Terras Indígenas de acordo com o Plano de Vida dos Povos Indígenas do Oiapoque.



DIRETRIZ AUMENTAR A COOPERAÇÃO COM PAÍSES AMAZÔNICOS VIZINHOS.

AÇÕES Efetivar mecanismos que garantam aos governos do Brasil e Guiana Francesa à implementação de políticas fronteiriças comuns, voltadas à conservação do meio ambiente e da biodiversidade, à proteção de terras indígenas e à garantia dos direitos dos povos indígenas.



DIRETRIZ PROMOVER O DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES VOLTADAS PARA O ECOTURISMO NAS TERRAS INDÍGENAS DO OIAPOQUE

AÇÕES Apoiar técnica e financeiramente a elaboração e implementação de Planos de Desenvolvimento do Ecoturismo nas Terras Indígenas do Oiapoque



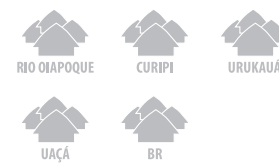
“Tudo o que vivemos nesses três dias de oficina foi muito bom. Era um espaço que queríamos há muito tempo para desenvolver um trabalho mais próximo das comunidades. Montamos um trabalho que expressa a vontade das comunidades ao longo da BR. Só assim vamos chegar onde queremos. Podemos melhorar a maneira como vamos gerir nosso território daqui em diante: com maior cuidado e planejamento, com consenso e discussão, para errarmos menos. A cada reunião a gente fica melhor, pois discute e aprende.”



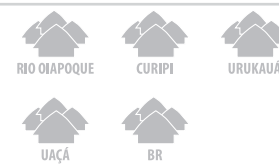
ESTELA DOS SANTOS OLIVEIRA, ADMINISTRADORA REGIONAL DA FUNAI OIAPOQUE

DIRETRIZ GARANTIR A IMPLANTAÇÃO DE INFRAESTRUTURA NAS ALDEIAS.

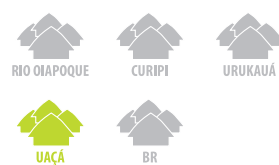
AÇÕES Construir pontes de acesso nas Aldeias.



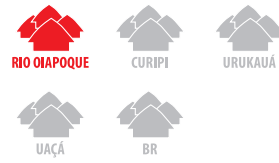
Pavimentar ruas nas Aldeias.



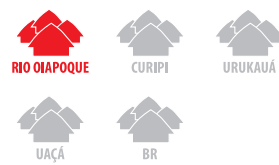
Abertura de novas Aldeias nas Terras Indígenas.



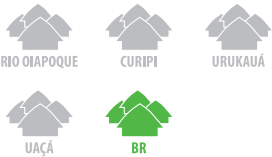
Implantar e reestruturar sistemas de energia elétrica nas Aldeias.



Implantar e reestruturar sistemas de radiofonia e telefonia nas Aldeias.



Implantar e melhorar as vias de acesso nas Aldeias



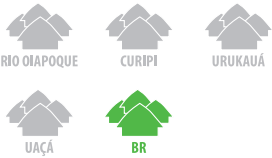
Implantar sistemas de contenção da erosão nas Aldeias.



Identificar formas de facilitar o acesso as aldeias em períodos de verão.



Readequar as novas Aldeias construídas ao longo da BR-156.



Readequar a estrutura física da Aldeia Encruzo.



“Precisamos estar atentos às mudanças e saber escolher o que queremos e o que não queremos. As maneiras de fazer que são Palikur, nós queremos preservar e também nos beneficiar dos conhecimentos e das tecnologias modernas.”

AVALIAÇÃO DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE CULTURA (KUMENÉ)

CULTURA





DIRETRIZ PROMOVER E VALORIZAR A CULTURA INDÍGENA DO OIAPOQUE.

AÇÕES Apoiar e incentivar a manutenção, recuperação e transmissão de conhecimentos e práticas culturais tradicionais relacionadas à língua, música, rituais, mitologia, grafismo e marcas, pinturas corporais, instrumentos musicais, plumária e adornos corporais, artesanato, confecção de artefatos cotidianos e cerimoniais, jogos, brincadeiras e outros.



DIRETRIZ REGISTRAR, DOCUMENTAR E GERIR O PATRIMÔNIO CULTURAL INDÍGENA.

AÇÕES Fazer registro de técnicas e saberes próprios de cada comunidade em audiovisual, textual, etc. para preservar e replicar estes conhecimentos, intra e intercomunidades indígenas.



← *Pajé Sr. João Martins (Janjã)*



DIRETRIZ GARANTIR A DIVULGAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA DO OIAPOQUE.

AÇÕES Apoiar as iniciativas de exposição e divulgação da cultura indígena do Oiapoque.



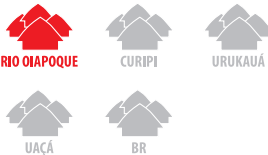
Apoiar a construção e o funcionamento de instalações para a exposição e divulgação do patrimônio cultural indígena nas aldeias.



Introduzir os materiais registrados e documentados nas atividades didáticas das Unidades Escolares Indígenas.



Promover Encontros, Reuniões e Seminários para divulgação da cultura indígena do Oiapoque.



DIRETRIZ GARANTIR O PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTESANAL.

AÇÕES Apoio aos processos de produção e recuperação da cultura material através do artesanato tradicional.



Apoiar e incentivar a comercialização de artesanato.



DIRETRIZ GARANTIR A FORMAÇÃO DE INDÍGENAS PARA A PESQUISA E GESTÃO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE.

AÇÕES Realizar cursos de formação continuada nas áreas de pesquisa e gestão do patrimônio material e imaterial dos povos indígenas do Oiapoque.





Propiciar a realização de intercâmbios com outras experiências de pesquisa e gestão do patrimônio material e imaterial dos povos indígenas.



Propiciar a participação em Encontros, Reuniões e Seminários que abordem temas relativos à pesquisa e gestão do patrimônio material e imaterial dos povos indígenas.



“O movimento indígena é a coisa mais importante para o nosso povo. As lideranças vão ter que se conscientizar que a política indígena é o movimento indígena. Temos a nossa organização (os povos, as comunidades, os professores). A FUNAI faz parte do movimento, porque é indígena, e isso nos fortalece. O jovem precisa estar conosco.”

PAULO ROBERTO SILVA - ALDEIA KUMARUMÃ

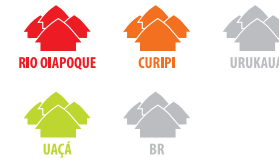
MOVIMENTO INDÍGENA



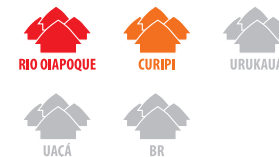


DIRETRIZ FORTALECER A CAPACIDADE INSTITUCIONAL DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS PARA A EXECUÇÃO DE SUAS RESPONSABILIDADES.

AÇÕES Apoiar técnica e financeiramente os processos de capacitação para a gestão administrativa e institucional das organizações e associações indígenas.



Apoiar técnica e financeiramente a capacitação de lideranças indígenas na legislação brasileira e nos acordos internacionais, que garantem os direitos dos povos indígenas.



Viabilizar recursos financeiros para a garantia do funcionamento das organizações indígenas.



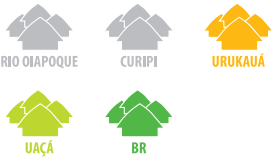
Apoiar técnica e financeiramente a elaboração e edição de materiais didáticos para divulgação da legislação indigenista e ambiental.



← Oficina de Plano de Vida na Aldeia Ariramba



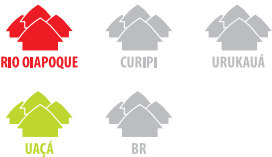
Apoiar iniciativas específicas para a participação de jovens nas atividades realizadas pelas organizações indígenas.



Apoiar iniciativas específicas que estimulem a participação das mulheres indígenas nas atividades realizadas pelas organizações indígenas, com respeito às formas próprias de participação política dessas mulheres indígenas.



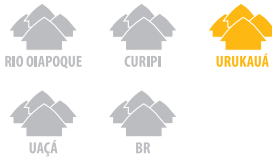
Garantir o apoio técnico e financeiro visando à promoção de reuniões, encontros e intercâmbios entre povos e organizações indígenas.



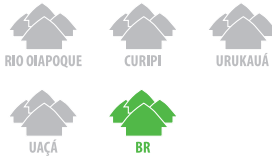
Viabilizar assessoria técnica às organizações indígenas para apoiar no processo de elaboração, implementação, monitoramento e avaliação dos programas de financiamento governamentais e não-governamentais nacionais e internacionais.



Instituir mecanismos de divulgação de informações sobre questões relacionadas aos povos indígenas, em particular, os povos indígenas do Oiapoque.

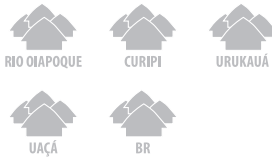


Apoiar processos de regularização das organizações indígenas.

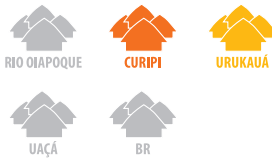


DIRETRIZ APOIAR OS MECANISMOS DE TRANSPARÊNCIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL NA TOMADA DE DECISÕES SOBRE OS EMPREENDIMENTOS.

AÇÕES Apoiar técnica e financeiramente os representantes indígenas para o desenvolvimento das atividades de controle social das ações do Plano de Vida dos Povos Indígenas do Oiapoque.



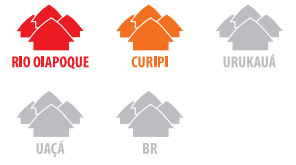
Instituir mecanismos adequados de divulgação sobre formas de acessar recursos governamentais e não-governamentais para os povos indígenas.





DIRETRIZ GARANTIR A CONSTRUÇÃO E O FORTALECIMENTO DE PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES JUNTO AOS POVOS INDÍGENAS.

AÇÕES Estimular o trabalho em parceria com instituições governamentais e não-governamentais, em especial com a FUNAI através de sua regional e postos nas Aldeias.



“Concluímos a quinta oficina com muita emoção de poder contribuir. Estivemos tentando evitar coisas que prejudicassem o objetivo da mobilização. Hoje construímos uma referência com material suficiente para tomar iniciativa. Como Carlinhos sempre fez questão de frisar: mesmo sem recursos de fora, temos alternativas para a solução de alguns problemas. As comunidades já têm instrumentos para resolver alguns pequenos problemas.

Pela primeira vez estamos construindo algo concreto, que vai servir para muito tempo. Sempre estarei a disposição, como Comitê Gestor, técnico, Funai e principalmente como indígena”.

DOMINGOS SANTA ROSA - FUNAI AER-OIAPOQUE



“O currículo específico foi feito primeiro pelos Galibi-Marworno e pelos Karipuna. Os índios têm capacidade de estudar como os não-índios, se construirmos um viver na aldeia. A criança precisa aprender a história daqui. Tudo isso precisa entrar no currículo e ser aprovado pelo governo. E este currículo deve estar de acordo com nosso calendário.”

HENRIQUE - PROFESSOR ALDEIA KUMENE

“Estamos chegando ao final de uma etapa de planejamento das ações futuras. Participei da oficina da BR e desta, que foram muito proveitosas, com a real participação da população de base, para este tão sonhado futuro. Que isso seja divulgado, multiplicado, socializado nas aldeias. Em todas as oficinas foram colocadas as dificuldades de falta de informação. Espero que estes questionamentos sirvam de reflexão para todos nós. Não podemos ficar só fazendo planejamento, pois as mudanças efetivas não acontecerão. Temos o compromisso de socializar em nossas comunidades tudo o que aconteceu aqui e participar das próximas etapas, para construir um futuro melhor. Agradeço a todas as mulheres que se empenharam no almoço, recepção e realização da oficina. Obrigada.”

KARINA DOS SANTOS – PROFESSORA DA ALDEIA ESTRELA

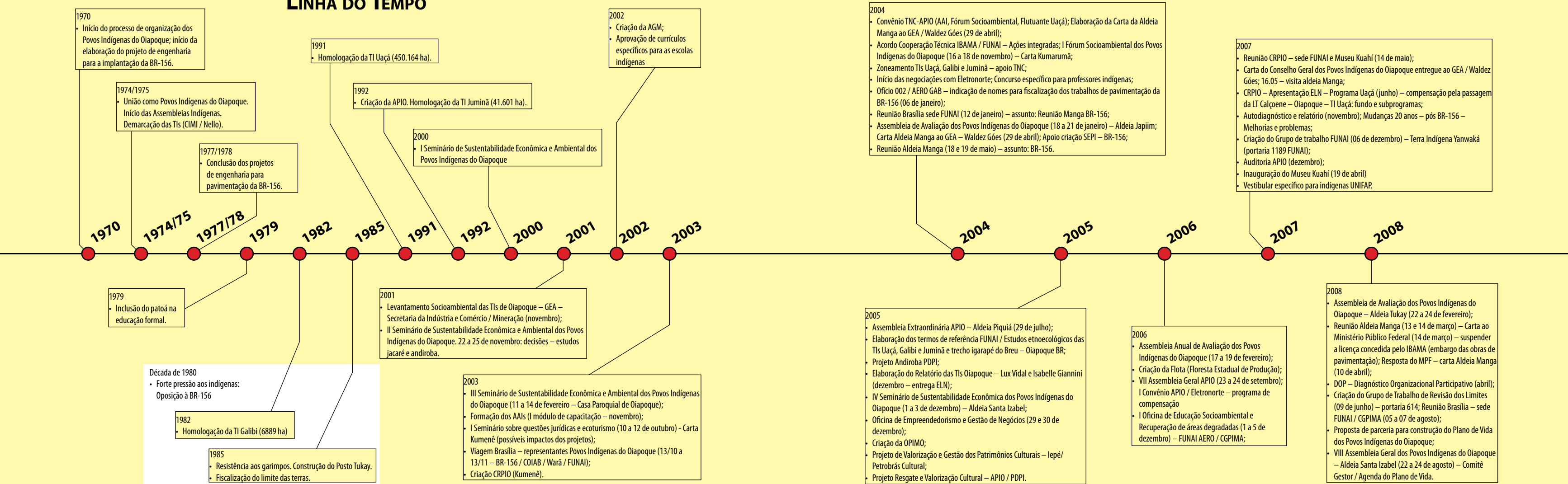


“Agradecemos do fundo do coração a participação dos grupos, a seriedade dos trabalhos e tomada de decisões. Todos que participaram, o fizeram com vontade. Não perdemos nada nesses quatro dias, só ganhamos conhecimento.”

RAMOS DOS SANTOS - CACIQUE DA ALDEIA SANTA IZABEL



LINHA DO TEMPO





“(...) (Este trabalho) nos fez lembrar de todas as nossas lutas e conquistas. (...) O conteúdo e a dinâmica despertaram o nosso interesse. Não conseguíamos captar nossos problemas nem identificar os aspectos positivos e negativos. Isso só foi possível graças à ajuda de nossos parceiros. Já presenciamos muitas iniciativas de tentar ajudar os povos indígenas, mas muitas vezes foram feitas de maneira errada. Neste trabalho, participam as lideranças e parte da comunidade. O relatório será uma ferramenta, mas o que vai ser feito depende de nós. Esta dinâmica contribuiu para o desenho de nossos sonhos, mas temos que querer torná-los realidade.”

DOMINGOS SANTA ROSA, FUNAI AER OIAPOQUE

“Há milhares de anos não existia o Rio Uaçá, era tudo mata. Naquele tempo existia uma grande cobra de três cabeças chamada Uaçá, que vivia só no mar, era muito gorda e tinha dois filhotes na barriga.

Certo dia essa cobra resolveu entrar na mata, entrou próximo à Ponta do Mosquito, foi embora para dentro da mata e por onde ela passava, transformava-se em rio; chegando onde é o Encruzo, teve que parar, pois naquele momento iam nascer seus filhotes. Nasceu então um filhote e não demorou muito tempo, foi embora da mãe seguindo o pôr-do-sol. O caminho deste filhote também se transformou em rio, que hoje é conhecido como o Rio Curipi.

A cobra-mãe diminuiu de tamanho e também foi embora, seguindo outro rumo. Ao chegar onde é a boca do Urucauá, nasceu o outro filhote, que também foi embora seguindo o mesmo rumo que o irmão, o pôr-do-sol. Atualmente é chamado de Rio Urucauá. A cobra Uaçá ficou muito magra, mas mesmo assim continuou sua caminhada. No meio do caminho, todo tipo de animal que ela encontrava, comia e com isso ela ia engordando de novo.

Passando pela montanha Tipoca, já estava um pouco gorda, até chegar à aldeia Kumarumã. Estava bem gorda mesmo e continuou andando sem destino algum. Depois de algum tempo caminhando e comendo, essa cobra ficou doente. Ela não conseguia comer nada, com isso começou a emagrecer de novo. Mas Uaçá era uma cobra que não gostava de ficar parada. Mesmo doente continuou andando por muitos anos, até não conseguir andar, nem se mexer. Daí em diante a cobra não se moveu nem um pouco e morreu. É assim o fim da cobra Uaçá e o fim do Rio Uaçá.”

*Felizardo dos Santos e
Davi Felisberto dos Santos,
Aldeia Kumarumã*

